

# Cidade

Botafogo e Flamengo é o clássico desta tarde no Maracanã, pela Taça Rio. Josimar não joga no Botafogo e Leandro também não, no Mengo

23

## Brasília: 26 anos e com 40 invasões

Fotos: Carlos Menandro



Pedaços de madeira, latas velhas, papelão e toda sorte de restos que a cidade abandonou. Com esta matéria-prima cerca de 50 mil pessoas improvisaram as 40 invasões existentes hoje no Distrito Federal. São tristes favelas, que desafiam o Governo, trazendo às claras um miserável cotidiano



Magno Martins

Cercada por todos os lados de verdadeiros bolsões de pobreza, Brasília ao completar 26 anos corre o risco de entrar para a história como uma das capitais que têm maior número de favelas. Só no Plano Piloto há cerca de 40 invasões ocupadas por mais de 40 mil pessoas que, sem qualquer opção de moradia, buscam agora as passarelas do Eixão para improvisar seu teto.

Até o governador José Aparecido é obrigado a conviver com uma invasão bem próxima ao quintal de sua residência, em Aguas Claras, abrigando uma população em torno de duas mil pessoas. A favela do Paranoá, a maior do Distrito Federal, já conta hoje com 30 mil habitantes, segundo estatísticas do Grupo Executivo para Assentamento de Favelas e Invasões.

Há hoje no Distrito Federal um contingente em torno de 80 mil pessoas acomodadas em áreas irregulares, que devida à falta de infra-estrutura, são responsáveis pela maior parcela dos casos de morte em consequência de doenças contagiosas e transmissíveis. Na invasão do Paranoá, de mil crianças que nascem por ano, pelo menos 40 morrem antes de completar um ano e as causas mais frequentes são as doenças infecto-parasitárias.

Grande favela

Se o nível de migração fosse mantido na escala atual, o Distrito Federal seria, com certeza, no ano 2.000, a capital mais problemática em termos de ocupações irregulares. "Nós descobrimos invasões que estavam ocultas, através da última limpeza do SLU", revela, em tom enfático, o governador José Aparecido, que já pensa num plano de emergência para resolver o problema.

Na verdade, a Nova República não conseguiu ainda banir do cotidiano do brasiliense essa realidade que é cada dia mais preocupante. No Plano Piloto,

área que seria intocável na concepção de Oscar Niemayer, as áreas mais problemáticas são as do Ceub, da 704 e 908 Norte, 213 e 214 Norte e 613 e 614 Sul.

Num levantamento feito em 83, o Grupo Executivo para Assentamento de Favelas e Invasões, constatou que haviam 18.850 famílias sem teto. Dessas, 8.317 foram contempladas com lotes em assentamentos e 10.533 ficaram de fora, o que corresponde a um total de 56%.

Com base nos dados de atualização do Gepafi, o crescimento ficaria numa faixa de 15% ao ano, o que daria hoje um total de 79.585 pessoas morando em invasões, correspondente a 15.917 famílias. No plano, em 83, haviam 29.190 invasores; hoje esse número está em torno de 44.400. Nesse trabalho não estão incluídas as famílias que moram em fundos de quintal na Ceilândia, Taguatinga e Sobradinho.

Na administração passada foram extintas sete favelas e criado o mesmo número de assentamentos em Brazlândia (Vila São José), Taguatinga (QNL), Gama (Itamaracá), Núcleo Bandeirante (Candangolândia), Sobradinho (Q. 18), Guará (QE 38) e Planaltina (Vila Burtis).

Cerca de 48% das pessoas que habitam invasões no Distrito Federal se incluem na faixa etária que vai de zero a 18 anos; 42% entre 19 e 45 anos e 10% têm acima de 46 anos. Só cinco por cento têm acima de 55 anos.

O maior percentual das que trabalham são os que exercem serviços domésticos (17,7%), seguido do pessoal da construção civil (14,9%). Há também os que trabalham em comércio (14,8%), os de limpeza e conservação (7,8%) e até funcionários públicos (12,0%). A renda familiar mensal dessas pessoas varia de 1 a 3 salários mínimos, o que dá um percentual de 74,8%.

### Uma indústria de espertos

Para o governador José Aparecido, que na próxima semana anuncia o programa habitacional, através do Plano Trienal, o que existe, na verdade, é uma "indústria de invasões", em Brasília.

— Os mais espertos estão tirando partido da situação», denuncia o Governador, depois de explicar que dispõe de informações sobre pessoas que adquiriram mais de um lote na Shis, em áreas diferentes, e que passaram a especular para obterem lucros em transações ilícitas.

Exemplo

O Governador citou, como exemplo, o caso recente da desapropriação em Taguatinga. «Descobrimos pessoas que foram beneficiadas recentemente com o assentamento do Setor O e que já venderam os lotes, e já são candidatos a tomarem outros lotes», disse.

— Tenho que adotar critérios a partir de agora, porque não posso decidir em benefício de um morador apenas porque alguém me disse que está sem teto. Sem teto existem em Brasília

### A morte como regra geral

As causas-mortis nas invasões do Distrito Federal não fogem à regra geral da região. Segundo a chefe do Departamento de Saúde Pública do DF, Roseli Cerqueira de Oliveira, são as doenças respiratórias e infecto-parasitárias as principais responsáveis pelas taxas de mortalidade naquelas áreas.

— É óbvio que nessas favelas não há água tratada, não há esgoto e as casas são feitas de pedaços de madeira e até papelões, e isso faz com que a falta de

quase 100 mil pessoas, entre elas pioneiras que ajudaram a construir a cidade e verdadeiros profissionais de invasões», acrescentou.

Num trabalho de pesquisa que recomendou para elaboração do Plano Trienal, o Governador do Distrito Federal constatou que há hoje, no DF, uma média de três a quatro famílias ocupando um lote e que até as áreas de fronteira do DF estão sendo invadidas.

Verificou, ainda, que nessa briga em torno de concretizar o sonho da casa própria as pessoas da classe média passaram a disputar e tomar os lotes das de menor poder aquisitivo.

Chegou a tomar conhecimento também de que as associações de moradores e inquilinos inscreveram candidatos sem que a Shis estivesse autorizando. Apesar da Shis ter suspenso seu cadastramento em 1979, essas entidades, segundo se apurou, faziam inscrições cobrando taxas ilegais e muitos candidatos chegaram a se inscrever quatro vezes em igual número de associações.



Secretário Adolfo Lopes foi ver invasão do Córrego Samambaia de perto

### Secretário ouve comunidade

Atendendo ao convite dos moradores da "invasão" do Córrego da Samambaia, situada nas proximidades de Taguatinga, na estrada que liga aquela cidade satélite a Brazlândia, o secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, passou toda a manhã de ontem analisando a situação do local e ouvindo das reivindicações da comunidade.

A "invasão" do Córrego da Samambaia teve o seu início há cerca de 10 anos e hoje abriga 60 famílias que vivem em situação precária, morando em barracos toscos, muitos feitos somente de papelão. Além de uma definição de sua situação habitacional, os moradores da "invasão" solicitam do GDF uma solução quanto à falta de escola para os seus filhos. Atualmente vivem na área do Córrego da Samambaia aproximadamente 150 crianças. Várias delas não estão frequentando a

escola, pois a "invasão" fica distante dos Centros de Ensino.

Cansados de pedir providências às autoridades do GDF os moradores esperam que, com a visita do secretário de Serviços Sociais, o governo se mostre mais sensibilizado e informado sobre as condições subumanas em que se encontram no momento.

Sopa

Adolfo Lopes visitou também a "Casa da Sopa" de Planaltina, uma obra social coordenada pelo Centro Espírita Maria Madalena, que vem funcionando numa residência, em condições precárias.

Mesmo com todas as dificuldades, a Casa da Sopa vem distribuindo, há dois anos, todos os sábados e domingos, cerca de mil pratos de sopa para uma grande quantidade de pessoas carentes da periferia de Planaltina.

### Quadro pior que o Nordeste

O crescente fluxo migratório com destino ao Distrito Federal, nos últimos 10 anos, está trazendo efeitos tão negativos que o secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, já considera a pobreza do DF muito mais grave do que a do Nordeste.

— Estamos na Capital da República, onde um governo fez a opção pelo social e a poucos metros do Palácio do Planalto há um verdadeiro bolsão de pobreza, que é a invasão do Paranoá», disse o Secretário, que diante da falta de recursos passou a executar um programa com apoio de órgãos representativos da comunidade.

Adolfo, frustrado com a escassez de verbas está buscando promover campanhas comunitárias, contando como instrumento de base entidades como o Rotary, Lions e Maçonaria.

«Quando vou a uma favela já levo comigo um médico e até um padre, porque percebi que não há melhor paliativo. O médico cumpre com a sua missão e o padre ajuda o povo pobre a ter fé e mais esperança», explicou.

Quadro cruel

O secretário de Serviços Sociais disse que é baixo o índice de mortalidade infantil nas invasões. «O nosso maior problema aqui é a recuperação do menor delinquente. Cada garoto da Coméia custa hoje ao GDF pelo menos

2 mil cruzados e isso representa um gasto muito elevado», afirmou.

Diante das dificuldades que vem encontrando, Lopes já decidiu o SOS do Menor. A Telebrasil vai colocar um telefone à disposição do público para que, ao invés de queixas, já sejam apresentadas as soluções. «Quem, por exemplo, dispor de um emprego para um menor abandonado é só ligar e nós tomaremos as providências», explicou.

Para reduzir os índices de desnutrição alimentar nas áreas de invasões do Distrito Federal, a Secretaria de Serviços Sociais vai implantar um programa de complementação alimentar, atualmente em fase de discussão entre técnicos do GDF e da área federal.

— Nosso lema — «Ajuda tarde é recusa» — visa estimular a participação comunitária, pois é triste e vergonhoso na Capital do Brasil você passar por invasões com esgotos a céu aberto e não ter recursos para combater a raiz do mal, que é o resgate da dívida social», assinalou.

Natural de Belo Horizonte, 43 anos, economista e advogado, Adolfo Lopes é pioneiro em Brasília mas confessa que está assustado com a pobreza que se observa nos arredores do Distrito Federal. «Estou traumatizado com o grau de pobreza de Brasília, sobretudo na periferia. Ir à Ceilândia hoje constringe a qualquer um», revelou.

## Plano Piloto conta com 40 mil invasores

Com uma população em torno de 30 mil habitantes, a invasão da vila Paranoá é a maior do Distrito Federal, seguida pelo complexo Varjão, que já tem 3.270

pessoas. Nas Asas Norte e Sul existem vários núcleos de invasões. A tabela mostra como está essa situação em Brasília.

### AS INVASÕES

Paranoá x população — 30 mil pessoas
Ceub x população — 3.150
Dispersas na
Asa Norte x população — 1.345
Dispersas na
Asa Sul x população — 570 pessoas
Dispersas no
Lago Sul x população — 935 pessoas
Dispersas no
Lago Norte x população — 700 pessoas
Varjão do Torto x população — 975 pessoas
Complexo Varjão x população — 3.270 pessoas

Total 40.945

### APARECIDO MANDA APURAR DENÚNCIAS CONTRA A SAB

O governador José Aparecido anunciou sexta-feira à noite, em Taguatinga, o propósito, que ontem reafirmou, de abrir inquérito amanhã para apurar as responsabilidades de atos lesivos aos cofres públicos, de que estão sendo acusados dirigentes da SAB — Sociedade de Abastecimento de Brasília.

A exemplo da comissão de sindicância criada para apurar denúncias do antigo presidente da SHIS, a comissão incumbida de verificar a situação na SAB será constituída de representantes da sociedade.

Quinta-feira o Governador recebeu o resultado de uma sindicância, encaminhado pelo Secretário de Agricultura, relativa a uma operação comercial inidônea, envolvendo a SAB e uma empresa paulista em concordata.

Conforme já declarou à imprensa, o governador José Aparecido de Oliveira pretende criar uma Secretaria Extraordinária de Reforma Administrativa que há de decretar a dissolução de empresas como a SAB, que se descaracterizou, pois não tem presença social nem reguladora do mercado. Transformou-se em supermercado, cujas lojas se acham em áreas impróprias e cujos preços são, às vezes, mais caros do que os dos concorrentes, apesar de, ainda assim, ser deficitária.

Uma vez confirmadas as acusações, e sem prejuízo das medidas administrativas, os responsáveis serão submetidos a processo na Justiça.

Brasília, 11 de maio de 1986

José Silvestre Gorgulho

Secretário de Comunicação Social